

LUÍS ORIONE 1872 - 1940



Luís Orione nasceu em Pontecurone (Diocese de Tortona) em 23 de junho de 1872.

O pai era pavimentador de rua; a mãe, era mulher de profunda fé e de elevado tino educativo.

Embora advertindo a vocação ao sacerdócio, Luís ajudou o pai durante três anos (1882-1885) como ajudante de pavimentador.

Em 14 de setembro de 1885, aos 13 anos, foi recebido no convento franciscano de Voghera (Pavia), mas uma pneumonia pôs em risco a sua vida e precisou retornar à família em junho de 1886.

De outubro de 1886 a agosto de 1889 foi aluno do Oratório de Valdocco, em Turim. São João Bosco percebeu as suas qualidades e elencou-o entre os seus prediletos,

garantindo-lhe: “Nós seremos sempre amigos”.

Em Turim, conheceu também as obras de caridade de São José Bento Cottolengo, próximas ao Oratório salesiano.

Em 16 de outubro de 1889 iniciou o curso de filosofia no seminário de Tortona.

Ainda jovem clérigo foi sensível aos problemas sociais e eclesiais que agitavam aquela época difícil.

Dedicou-se à solidariedade para com o próximo através da Sociedade de Mútuo Socorro São Marciano e da Conferência de São Vicente.

Aos vinte anos, escrevia: *“Há uma suprema necessidade e um supremo remédio para curar as feridas desta pobre pátria, tão bela e tão infeliz! Apossar-se do coração e do afeto do povo e iluminar a juventude; e infundir em todos a grande ideia da redenção católica com o Papa e pelo Papa. Almas! Almas!”*.

Movido por essa visão apostólica, abriu em Tortona, em 3 de julho de 1892, o primeiro oratório para cuidar da educação cristã dos meninos.

No ano seguinte, em 15 de outubro de 1893, Luís Orione, ainda clérigo de 21 anos, abriu um colégio no bairro São Bernardino, destinado a crianças pobres.

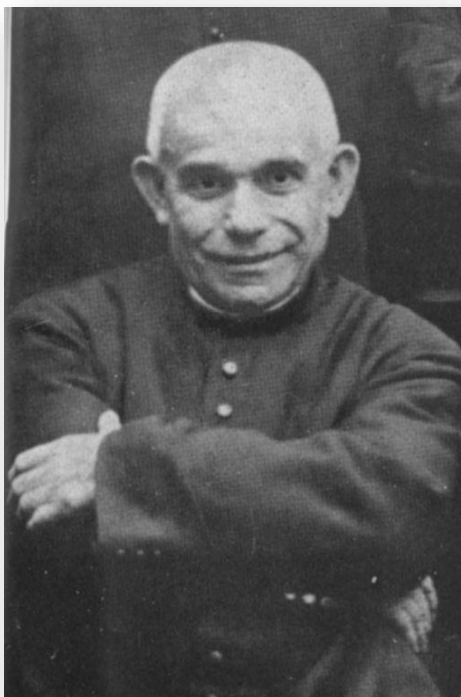
Em 13 de abril de 1895, foi ordenado sacerdote e na mesma celebração o bispo impôs o hábito clerical a seis alunos do seu colégio.

Desenvolveu sempre mais o apostolado entre os jovens com a abertura de novas casas

em Mornico Losana (Pavia), Noto (Sicília), San Remo, Roma...

Ao redor do jovem fundador cresceram clérigos e sacerdotes que formaram o primeiro núcleo da Pequena Obra da Divina Providência.

Em 1899, iniciou o ramo dos Eremitas da Divina Providência, inspirados no lema beneditino *“ora et labora”*, sobretudo nas colônias agrícolas que, naquela época, respondiam à exigência de elevação social e cristã do mundo rural.



O bispo de Tortona, Dom Higinio Bandi, com Decreto de 21 de março de 1903, reconheceu canonicamente a Congregação religiosa masculina da Pequena Obra da Divina Providência, os Filhos da Divina Providência (sacerdotes, irmãos coadjutores e eremitas), e sancionou o seu carisma expresso apostolicamente no *“colaborar para levar os humildes, os pobres e o povo à Igreja e ao Papa, mediante as obras de caridade”*, professado com um 4º voto de especial *“fidelidade ao Papa”*.

Confortado pelo conselho pessoal de Leão XIII, padre Orione introduziu nas primeiras Constituições de 1904, entre as finalidades da nova Congregação, a de trabalhar para *“obter a união das Igrejas separadas”*

Animado por um grande amor à Igreja e aos seus Pastores e por uma paixão pela conquista das almas, interessou-se ativamente pelos problemas emergentes do tempo, como a liberdade e a unidade da Igreja, a questão romana, o modernismo, o socialismo, a descristianização das massas operárias.

Depois do terremoto de dezembro de 1908, que deixou entre as ruínas 50 mil mortos, padre Orione foi a Reggio Calabria e Messina para prestar socorro especialmente aos órfãos e fez-se promotor das obras de reconstrução civil e religiosa.

Por desejo direto de Pio X, foi nomeado vigário-geral da diocese de Messina. Deixando a Sicília, depois de três anos, pôde dedicar-se novamente à formação e ao desenvolvimento da Congregação.

Em dezembro de 1913, enviou a primeira expedição de missionários ao Brasil.

Renovou os heroísmos de socorro às vítimas do terremoto de 13 de janeiro de 1915, que devastou a Mársica (região do Abruzzo) com quase 30 mil vítimas.

Eram os anos da Primeira Guerra Mundial. Padre Orione percorreu muitas vezes a Itália para apoiar as várias atividades caritativas, ajudar espiritual e materialmente as pessoas de todas as camadas, suscitar e cultivar vocações sacerdotais e religiosas.

Há vinte anos da fundação dos Filhos da Divina Providência, como uma *“única planta com muitos ramos”*, em 29 de junho de 1915 deu início à Congregação das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, animadas pelo





mesmo espírito e interessadas em fazer experimentar aos mais necessitados a Providência de Deus e a maternidade da Igreja, mediante a caridade para com os pobres e enfermos e os serviços de todos os gêneros nos institutos de educação, jardins de infância e variadas obras pastorais.

Em 1927 deu início também a um ramo contemplativo, as 'Irmãs Sacramentinas' não videntes adoradoras, ao qual acrescentaram-se depois também as Contemplativas de Jesus Crucificado.

Envolveu também os leigos nos caminhos da caridade e do compromisso civil dando impulso às Associações das Damas da Divina Providência, dos Ex-Alunos e dos Amigos.

Em seguida, realizando intuições previdentes, serão criados na Pequena Obra da Divina Providência também o Instituto Secular Orionita e o Movimento Laical Orionita.

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1919) multiplicaram-se escolas, colégios, colônias agrícolas, obras caritativas e assistenciais.

Em especial, padre Orione fez surgir na periferia de grandes cidades os "*Pequenos Cottolengo*": em Gênova e Milão, em Buenos Aires, em São Paulo, em Santiago do Chile.

Estas instituições, destinadas a acolher os irmãos mais sofredores e necessitados eram entendidas por ele como "*novos púlpitos*" de onde falar de Cristo e da Igreja, "*faróis de fé e de civilização*".

O zelo missionário do padre Orione, que já se expressara com o envio ao Brasil em 1913 dos seus primeiros religiosos, estendeu-se depois à Argentina e ao Uruguai (1921), à Palestina (1921), à Polônia (1923), a Rodes (1925), aos Estados Unidos (1934), à Inglaterra (1935).



Dom Orione com os órfãos acolhidos no Pequeno Cottolengo de Claypole, em Buenos Aires, em 1935

Ele mesmo, em 1921-1922 e 1934-1937, fez duas viagens missionárias à América Latina: Argentina, Brasil, Uruguai e Chile. Gozou da estima pessoal dos papas Pio X, Bento XV, Pio XI e Pio XII, e das Autoridades da Santa Sé, que lhe confiaram muitos delicados encargos para resolver problemas e curar feridas tanto no interior da Igreja como nas relações com o mundo civil.

Prodigalizou-se com prudência e caridade nas questões do modernismo, na promoção da Conciliação entre Estado e Igreja na Itália, na acolhida e reabilitação dos sacerdotes "lapsi".

Foi pregador, confessor e organizador incansável de peregrinações, missões, procissões, presépios vivos e outras manifestações populares da fé.

Grande devoto de Nossa Senhora, promoveu a sua devoção com todos os meios.

Com o trabalho manual dos seus clérigos construiu os santuários de Nossa Senhora da Guarda, em Tortona (1931), e de Nossa Senhora de Caravaggio, em Fumo (1938).

No inverno de 1940, já sofrendo de *'angina pectoris'* e depois de dois ataques cardíacos agravados por crises respiratórias, padre Orione deixou-se convencer pelos coirmãos e pelos médicos a buscar repouso numa casa da Pequena Obra em Sanremo, embora, como dizia, *"não é entre as palmeiras que eu quero viver e morrer, mas entre os pobres que são Jesus Cristo"*.

Depois de apenas três dias, rodeado pelo afeto e pelos cuidados dos coirmãos, padre Orione morreu em 12 de março de 1940, suspirando: *"Jesus! Jesus! Eu vou"*.

Seus despojos, disputados pela devoção de muitos devotos, receberam solenes homenagens em Sanremo, Gênova, Milão, concluindo o itinerário em Tortona, onde foi tumulado na cripta do Santuário de Nossa Senhora da Guarda.

Seu corpo, encontrado intacto na primeira exumação de 1965, foi posto em lugar de honra no mesmo santuário.

Padre Orione encarnou o carisma da caridade para com os pobres, vendo neles o rosto de Jesus e servindo-o na mais santa alegria.

Sempre em movimento, vivia uma vida penitente e paupérrima.

Estava convencido de que o maior bem fosse viver na presença de Deus e crer na sua Divina Providência.

Era este o refrão do padre Orione: *"Mais fé, mais fé, irmãos, é preciso mais fé! A nossa fé, que é poderosa contra todas as batalhas, torna-se o maior e mais divino conforto da vida humana; ela é a mais elevada inspiração de qualquer valor, de todo santo heroísmo, de toda bela arte, que não morre, de toda verdadeira grandeza moral, religiosa e civil"*.

